

Representações de mulheres negras torcedoras nos campos de futebol de São Paulo no início do século XX

Representations of black female supporters in the soccer fields of São Paulo in the beginning of the 20th century

Taiane Anhanha Lima¹

Resumo

Este artigo tem por temática as representações destinadas a mulheres negras torcedoras de futebol em alguns jornais da conhecida imprensa negra de São Paulo no começo do século XX (1916-1923). Uma grande imprensa “hegemônica” tinha outros modelos femininos de representação e acabavam não apontando suas câmeras e nem direcionando suas escritas para representar as mulheres negras presentes em jogos de futebol. Observamos, inclusive, que as representações dessas torcedoras entre a grande imprensa e a negra são diferentes e bem desiguais quando comparadas a torcedoras “brancas” (que já foram analisadas em outro momento). Porém, de maneira tímida, a imprensa negra de São Paulo atesta a presença delas como espectadoras do esporte, por isso iremos analisar os jornais: *Getulino* e *A Liberdade* e refletir sobre o significado de suas representações.

Palavras-chave: Representação. Torcedoras negras. Imprensa negra de São Paulo.

Abstract

The purpose of this article the representations aimed at black female soccer supporters in some newspapers of the well-known black press of São Paulo in the beginning of the 20th century (1916-1923). The great “hegemonic” press had other female models of representation and ended up not pointing their cameras nor directing their writings towards representing the black women present in soccer games. We observe, also, that the representations of these female supporters in between the great press and the black press are different and greatly unequal when compared to “white” female supporters (that were already analyzed in another moment). However, timidly, the black press of São Paulo testifies to their presence as spectators of the sport, this being the reason why we’ll analyze the *Getulino* and *A Liberdade* newspapers to reflect about the meaning of their representations.

Keywords: Representation. Black female supporters. Black Press of São Paulo.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (PPGH/UFSM), onde possui bolsa CAPES. Bacharel e Licenciada em História pela UFSM. Estudante membro do Grupo de Estudos sobre o pós-Abolição/UFSM (GEPA) e do *Stadium*/UFSM (Grupo de Estudos de História do Esporte e das Práticas Lúdicas). Tem experiência na área de História, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de história, pós-Abolição, mulheres torcedoras e futebol. Contato: taiane3@hotmail.com.

Introdução

Essa pesquisa não é neutra (se é que existe uma pesquisa neutra) e perpassa grande parte da minha vivência enquanto torcedora e amante do futebol. Minha relação com o esporte começou desde criança, observando meus irmãos e irmã jogarem, nossa mãe sempre apoiou das arquibancadas e eu, ao lado, também. Torcedora impaciente, somente depois de adulta percebi que meus gritos, expressões de irritação e gestos recebiam olhares estranhos quando demonstrados, em público, nos jogos. Até que percebi que outras mulheres também recebiam esses olhares desconfiados quando se agitavam na hora do gol, da falta não marcada, do pênalti mal ou não sinalizado. O desconforto causado por essa “descoberta” me levou a pensar diversas questões. Entre elas, o espaço da figura feminina como torcedora não só na contemporaneidade, mas também no início da popularização do futebol no país. Enquanto mulher negra, também não poderia deixar de pensar esse recorte e olhar para as torcedoras negras, sabendo que existe um mito sobre a agressividade em cima dessas mulheres. Será que as representações negativas sobre as torcedoras negras, se estivessem representadas na imprensa, não seriam maiores e mais negativas?

Observando a própria realidade histórica em que vivemos, onde mulheres ainda são questionadas sobre seu interesse no futebol e deslegitimadas como torcedoras, pesquisas que demonstrem que esse espaço além de ser frequentado por mulheres há muito tempo, também já era questionado, ajudam a perceber que essa conquista por esse lugar da arquibancada é baseada em muita luta e dificuldade e mais ainda

no esforço de demonstrar que esse lugar pode e deve ser ocupado pela torcida feminina. Apesar de ser cada vez mais intensa a participação das mulheres, nas arquibancadas, as desconfianças e os estereótipos ainda persistem. Os homens criam alguns rótulos, para que nossas falas e conhecimentos sobre o esporte sejam menos valorizados. Rótulos esses que foram baseados e construídos através de representações do passado, como as análises que observaremos durante o artigo.

Em 2018, foi criado na Universidade Federal de Santa Maria o grupo de estudo/pesquisa *Stadium*, grupo este que reúne interessados em estudos sobre história do esporte e das práticas lúdicas. Participante ativa do grupo, considero que as leituras, debates e reflexões realizadas nas reuniões foram essenciais para que a ideia da temática se tornasse realidade. Também ser membro do GEPA (Grupo de Estudos sobre o pós-Abolição), grupo que se preocupa em estudar problemáticas que envolvem o contexto do pós-Abolição no Brasil, foi importante para a construção dessas ideias, principalmente, no tocante a imprensa negra e seu papel com a população, no período.

Para além de tudo, a pesquisa vem a somar com estudos sobre a História das Mulheres e de Gênero que estão em franco crescimento no país e também com a História do Futebol. Muitas das pesquisas que conectam essas temáticas são sociológicas e antropológicas e focam nas mulheres como jogadoras e na sua profissionalização.² São pesquisas importantes e necessárias, mas o papel delas

² Mahinã Araújo e Josiane Vian Domingues (2017) buscaram no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) palavras-chave, como: futebol feminino, futebol mulher, futsal feminino, futsal mulher e obtiveram um total de 38 teses e dissertações entre os

como torcedoras e seu espaço nas arquibancadas, ainda não foi pesquisado a fundo em uma abordagem historiográfica, para que possamos perceber as mudanças e permanências na presença delas nesse espaço ainda hoje. Creio que o papel delas (na própria interação com a arquibancada e o time) e a ocupação desse como um espaço de sociabilidade também é algo relevante a se pensar!

O recorte cronológico realizado para a análise se explica pela maior ocorrência de mulheres torcedoras nos jornais e revistas cariocas a partir de 1916 e sua diminuição perto da década 1920. Deste modo, pensamos na mesma justificado de recorte para olhar para a imprensa negra de São Paulo.

Todas essas perguntas e reflexões foram realizadas para a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso em História Licenciatura na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Orientada pelo Prof. Dr. João Manuel Casquinha Malaia dos Santos. Em que me detive nos questionamentos demonstrados acima, sobre mulheres torcedoras, com o bônus de pesquisar em jornais da imprensa hegemônica do Rio de Janeiro (*Fon-fon, Jornal das Moças e Revista Careta*) e na imprensa negra de São Paulo (*Getulino e A Liberdade*), observando registros fotográficos, charges e escritos. Para este artigo em específico irei me deter apenas na análise das mulheres negras torcedoras em jornais da imprensa negra de São Paulo, observando crônicas, colunas sociais e cadernos de esporte em que elas possam estar presentes. Assim, pretendo

anos de 2005 e 2012 sobre a temática, um número bastante considerável de trabalhos. A pesquisa de Cláudia Kessler (2015) e de Osmar Moreira de Souza Júnior (2013) também apontam importantes avanços nas pesquisas sobre o futebol de mulheres no Brasil.

conseguir dar uma melhor profundidade ao tema, lembrando que por ser um recorte de um trabalho de conclusão de curso ele possui suas limitações.

Adentrando as arquibancadas: Torcedoras de futebol no começo do século XX e suas representações

Um dos motivos para a presença significativa de mulheres de classes mais abastadas (percebemos isso por conta das vestimentas utilizadas e visualizadas através das imagens, que são: luvas, chapéus e longos vestidos), nos estádios, entre 1916 e 1923, é que os homens poderiam se associar aos clubes e assim pagavam a joia por mês e não os ingressos dos jogos. Além disso, poderiam levar sua esposa e mais duas filhas solteiras de forma gratuita. Após o Campeonato de Futebol dos Jogos Sul Americanos, em 1922, a figura das torcedoras perdeu um pouco de espaço nas arquibancadas. Algumas das possibilidades e hipóteses, levantadas para esse distanciamento, foram o aumento da violência nos estádios e o paulatino fim da gratuidade para mulheres, esposas e filhas, de sócios homens (SANTOS, 2012).

Porém, mulheres como espectadoras não foi uma especificidade do futebol. Victor Andrade de Melo (2012) aborda como se formou o público esportivo no Brasil, no último quartel do século XIX, nos esportes de primeira configuração no país, como o remo e o turfe. Neles, podemos ter o primeiro vislumbre da figura feminina como torcedora, que contribuiu na formulação da própria palavra “torcedor” e “torcedora”, posteriormente, no século XX.³

³ Santos (2010) apresenta algumas afirmações em que o termo “torcedora” e “torcedor”, segundo as fontes relatadas da documentação carioca e paulista, teria a ver com a forma com que as espectadoras

Esse ser-que-torce feminino, atualmente, se torna cada vez mais frequente no meio, mesmo diante de diversos tipos de preconceitos, estereótipos e machismo. Infelizmente existem e persistem diversos questionamentos de muitos homens que tentam deslegitimar o espaço das mulheres nas arquibancadas, não acreditando que elas gostem realmente de futebol ou que entendam tanto quanto eles. Indagações como: “você sabe o que é impedimento?” e/ou “qual a escalação completa do seu time campeão em 1975?” são mais comuns do que imaginamos e importunações misóginas também. Por conta disso, é importante destacar que esse preconceito sobre as mulheres como espectadoras de futebol foi histórica e socialmente construído. Com isso, podemos perceber continuidades e descontinuidades até a contemporaneidade, com modificações nas formas de agir ou representar essas mulheres, mas com algumas problemáticas semelhantes.

Como dito anteriormente a pesquisa foi realizada também na imprensa hegemônica do Rio de Janeiro e ao observar alguns jornais e revistas, analisamos que quem está por trás dos escritos das crônicas, das imagens ou gravuras que representam as mulheres torcedoras são, em sua grande maioria, homens que representam um grupo majoritário na imprensa. As mulheres quase não apareciam para falar sobre suas vivências e experiências. Os relatos e observações acontecem, então, de um ponto de vista masculino, que detém o poder simbólico e reproduzem o que veem, conforme sua própria visão de mundo e de seu lugar social. Como exemplo,

se com (torciam) devido ao nervosismo das partidas. Na edição do dia 17 de maio de 1919 da Revista Careta é possível observar caricaturas de torcedoras se “retorcendo”.

Ferreira (2015), com sua pesquisa sobre condição feminina na *Revista Fon-Fon*, apresenta que, a revista do Rio de Janeiro, era voltada para o público feminino, mas criada e com colunas escritas por homens, que acabavam produzindo e reproduzindo suas representações das mulheres, no caso torcedoras, através de seus olhares masculinos.

A força e o sentido que seu discurso vai ganhar depende desse poder de representar que só algumas pessoas possuem, podendo gerar processos de significação diversos (TEDESCHI, 2015). No caso, os sujeitos masculinos, como citados anteriormente, possuem o poder simbólico de representar essas mulheres, ou seja, eles podem as classificar, escrever e impor uma determinada construção das identidades sociais sobre elas. Assim, o patriarcalismo com base em seus próprios interesses, constrói suas leituras particulares do mundo para que identidades sejam criadas para si e para os outros de acordo com seus interesses.

Alguns discursos sociais produzem representações sociais e esses tendem a se instalar facilmente como senso comum (TEDESCHI, 2015). Haja vista que, como nosso objeto de estudo são as arquibancadas e as mulheres, os discursos conhecidos e construídos sobre esse lugar tem sido sobre ser um ambiente majoritariamente masculino e feito para homens. Esses discursos, em diversos casos, podem vir a ganhar um selo de legitimidade pela rápida aceitação dos mesmos, perpassando as representações sociais, assim, podendo afastar mulheres do seu meio. A título de exemplo sobre representações, agora voltado para a população negra no pós-Abolição, podemos citar a dissertação de João Paulo Barbosa (2016) chamada *O Pós-*

Abolição no Rio de Janeiro: representações do negro na imprensa (1888-1910). No trabalho o autor analisa os termos “pretos” e “pardos” em três jornais da grande imprensa carioca: *O Paíz*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*. Em suas análises, ele percebe que as representações do cotidiano, referentes às pessoas negras e pardas, aparecem em colunas policiais em que cerca de 80% das notícias traziam casos em que os negros e negras apareciam como vítimas de infortúnios.

Apesar das representações serem em sua maioria de homens negros, as mulheres negras ou pardas eram oprimidas, segundo as fontes e análises do autor “fosse porque sofria maus tratos de homens ou porque enfrentava problemas similares envolvendo saúde, trabalho, moradia, vícios, entre outros” (BARBOSA, 2016, p.189). Barbosa (2016) apresenta uma tabulação com todas as referências, nome do personagem e assunto, e assim podemos perceber que as mulheres pardas e negras estavam descritas apenas com matérias e temáticas referentes a tragédias. Com relação às pessoas brancas, Barbosa (2016, p.191) diz que: “Foi possível supor que havia uma representação mais branda sobre essas pessoas. Os adjetivos e títulos empregados nessas reportagens não retratavam de forma tão agressiva esses personagens”.

Fazendo um recorte de raça: Quem eram essas torcedoras?

Precisamos salientar as diferenças entre as mulheres brancas e negras, que se baseiam em vivências totalmente desiguais e realidades distantes, no começo do século XX. As mulheres brancas e ricas, por exemplo, não trabalhavam fora de suas casas, ou seja, em ambientes externos ao lar. Essa realidade não se encaixava na

vida de diversas outras mulheres pobres e negras que já há algum tempo, não só trabalhavam fora de suas casas, como também buscavam outras formas de sustento para ajudarem suas famílias, por necessidade ou sua própria sobrevivência. Nesse sentido, muito do “ideal feminino” e “papel feminino” que nos é apresentado sobre esse contexto é relacionado as mulheres brancas que seriam consideradas os exemplos a seguir, segundo o modelo brasileiro e de outros países também.⁴

Reforçamos que o “ideal feminino”, difundido na Primeira República era voltado para as mulheres brancas e suas vivências. Podemos mencionar que mulheres negras e pardas e sem dinheiro não se encaixaram em um padrão de submissão à vigilância do patriarcado, como o modelo imposto para as mulheres brancas. Seus cotidianos e vivências as obrigavam a fugir dessas normas. Segundo afirma Fabio Dantas Rocha (2017, p. 11) a tentativa de domínio do núcleo familiar pelos homens eram:

[...] constantemente contestadas pelas mulheres negras e pobres que buscavam, por necessidade ou por vontade, uma vida independente. Ser pobre era buscar das mais variadas formas maneiras de sobrevivência. O próprio cotidiano das mulheres aqui tratadas às obrigava a ocupar lugares diferentes do de suas residências. Como consequência disso, mulheres fugiram à norma social que pregou – e ainda prega – a submissão das mulheres à vigilância patriarcal.

Para Sueli Carneiro (2011, p.1) “as mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido”. Há um senso comum sobre a fragilidade feminina, que delega a mulher

⁴ Sugestões de autoras que apontam essa ideia e contestam esse modo de pensar o feminino, quando se trata de mulheres negras: bell hooks (2020); Carneiro (2011); e, Davis (2016).

o papel de rainha do lar, cuja feminilidade inspira os poetas, mas que não engloba as mulheres negras. Pois, elas nunca foram tratadas socialmente como frágeis, ou consideradas rainhas, mas sim retratadas como *antimusas* da sociedade brasileira. Sendo assim, os estudos que se debruçam sobre a história das mulheres precisam se atentar para as subjetividades e diferenças, pois os discursos e representações sobre as mulheres tem cor e interferem significativamente nos resultados de qualquer pesquisa. Nessa análise, salientamos o recorte racial e de classe de modo a evidenciar sobre quais mulheres estamos falando. De modo a não tomarmos a categoria como definidora de um sujeito hegemônico universal. Não podemos pensar a categoria mulher de forma acrítica, em razão da diversidade de vivências, provenientes para além da raça.

Esse “ideal feminino”, para as mulheres brancas, na Primeira República, no Brasil, período que perpassa o recorte deste trabalho, ainda se assentava em um modelo normativo que se adequasse aos valores morais, políticos e sociais do período. Entre suas principais características era de transformar o país em uma nação civilizada e moderna, mas com uma ordem social estabelecida em que os papéis sociais entre homens/mulheres e brancos/negros estivessem bem demarcados por valores patriarcais e raciais. Ideias e discursos esses que eram defendidos e ensinados por médicos e juristas, legitimadas pelo Estado e divulgadas na imprensa, de forma que se torna evidente a preocupação em modernizar a sociedade sem que a estrutura patriarcal fosse significativamente alterada, tendo um controle maior em defesa da mulher-mãe. Por exemplo, a maternidade, após o casamento, era

considerada uma das principais funções da mulher, sendo que elas deveriam parir filhos saudáveis e fortes para a nação, considerando essa tarefa uma missão patriótica bem quista pela maioria da sociedade.⁵

Michelle Perrot (2007, p.25) afirma que “discursos e imagens cobrem as mulheres como uma vasta e espessa capa”, sendo que elas sempre fizeram parte da história e dos acontecimentos do mundo, contudo, foi/é questão de escolha não registrar suas falas, emoções ou ações, muitas vezes deixando-as mergulhadas em um silêncio que lhe fora imposto. A referida autora, ao comentar sobre o silêncio das fontes com relação às mulheres diz que “os observadores, ou aos cronistas, em sua grande maioria masculinos, a atenção que dispensam às mulheres é reduzida ou ditada por estereótipos”; e, sobre as imagens produzidas pelos homens “nos dizem mais sobre os sonhos ou os medos dos artistas do que sobre as mulheres reais. As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas” (PERROT, 2007, p.17).

É importante refletirmos que, se com relação à mulher branca havia um *silenciamento*, como diz Perrot (2007), e também certo subjugamento social, o espaço destinado à mulher negra era muito mais inferiorizado. No cenário do século XX, logo após a abolição da escravidão, a mulher negra sofria as consequências diretas do racismo e das teorias raciais que estavam em voga. Ainda, havia a luta contra a discriminação e o preconceito pelo fato de ser mulher e negra na sociedade brasileira

⁵ Simone da Silva Costa (2014) apresenta discursos de médicos, intelectuais, políticos e representantes da Igreja Católica, em alguns periódicos do país, que defendiam um modelo ideal feminino que atendesse aos padrões morais estabelecidos por eles.

da época. Todos esses fatores demonstram um processo de opressão mais agressivo do que o enfrentado pela mulher branca, abastada ou não.

Djamila Ribeiro (2017) em seu livro intitulado *O que é lugar de fala?* apresenta uma comparação entre a perspectiva da categoria do Outro pelo olhar da Simone de Beauvoir e de Grada Kilomba. Beauvoir diz que a relação que os homens mantêm com as mulheres é de submissão e dominação, as vendo e as querendo apenas como objeto. Por isso, a mulher não seria definida em si mesma, mas em relação ao homem e através do seu olhar. Djamila (2017) compara que se para Simone de Beauvoir a mulher é o Outro, por não ter reciprocidade do olhar do homem, para Grada Kilomba (escritora e professora negra do Departamento de Estudos de Gênero da Humboldt Universität, em Berlim) a mulher negra é o Outro do Outro, posição que a coloca num local de mais difícil reciprocidade e se diferencia da categoria de mulher branca que Beauvoir estava apontando. Para Grada Kilomba, por não serem brancas, nem homens, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supremacista, sendo o oposto dos dois, branquitude e masculinidade. Ribeiro (2017, p. 26) finaliza com o pensamento de Kilomba, que diz:

[...] ser essa antítese de branquitude e masculinidade impossibilita que a mulher negra seja vista como sujeito, a mulher negra então seria o outro absoluto para usar termos de Beauvoir. O olhar tanto de homens brancos e negros e mulheres brancas confinaria a mulher negra num local de subalternidade muito mais difícil de ser ultrapassado.

É de extrema importância pensarmos sobre o conceito de interseccionalidade cunhado pela pesquisadora negra Kimberlé Crenshaw. Pois ele faz uma abordagem sobre as mulheres negras que pretende “analisar a diversidade e as desigualdades

existentes entre os sujeitos marcados no mínimo por dois ou mais eixos de opressão, sobretudo quando esses sujeitos são e tem sido os sujeitos dos feminismos – as mulheres” (PACHECO; NOGUEIRA, 2016, p. 90). Esses dois ou mais eixos se referem, principalmente, ao racismo e machismo que atinge as mulheres negras.

Também é essencial não naturalizarmos o papel do feminino e masculino pensado pela sociedade. A arquibancada é culturalmente associada aos homens, mas nossas investigações não se baseiam em suas práticas torcedoras, mas sim na das mulheres, sendo elas negras, a ocuparem esse espaço, no início do século XX. Permanecer nessas representações essencialistas dos gêneros, que diz que cada sexo corresponde a algumas características que lhe são inerentes e definidoras, não permite que visualizemos as multiplicidades que cada um dos dois polos contém (GOELLNER, 2005).

No caso da pesquisa, percebemos que a representação do comportamento masculino, nas arquibancadas de futebol, é o que define todos os outros comportamentos, mas só para o mesmo gênero. Aos olhos masculinos, quando as mulheres ocupam esse espaço e são representadas por eles nos escritos, elas deveriam se portar de uma maneira em que suas características de feminilidade fossem destacadas para que a imprensa pudesse reproduzir e enquadrar no padrão determinante da época.

A título de exemplo, sobre uma certa violência simbólica que as mulheres podem sofrer nas arquibancadas, citamos a cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul.⁶ A coluna do jornal negro chamado *A Alvorada*, conhecida como “Pesquei”, famosa por fazer pequenas fofocas humorísticas em seus números para “regular comportamentos mal vistos pela comunidade, de forma geral, que pudessem contribuir para uma visão preconceituosa a respeito do negro e, aumentar a alteridade entre brancos e negros” (OLIVEIRA, 2015, p.3).

Em um deles, a coluna observou e registrou o comportamento de torcedoras, provavelmente negras, que estavam assistindo ao jogo de dois times compostos por jogadores negros – América e Universal. Seus comportamentos foram alvos de comentários que afirmavam que elas tinham agido de forma “vergonhosa” por sua forma de torcer, porque “insultavam as adversárias” (MACKEDANZ, 2016). O que nos leva a pensar, o que é torcer de forma vergonhosa? Quem mandou esse comentário para o jornal foi o observador Pery, no final no mesmo trecho, o Dr. Pescadinha, que era o dono do jornal, Juvenal Penny, comenta o fato, ele coloca que o comportamento delas é ridículo e justifica que vão achar que elas sofrem de problemas mentais.

⁶ Bourdieu (2012) discute sobre a violência através das produções simbólicas, relacionando-as com a dominação masculina e o poder simbólico, sendo esse poder algo invisível entre o dominante e o dominado, surgindo significações que são reais e legítimas e, diversas vezes, reproduzidas. A violência simbólica como uma relação estrutural entre mulheres e homens, ultrapassa os atos e passa a ser abordada a partir da estrutura social, em que o poder simbólico está legitimado. Além disso, é marcada por uma relação implícita de submissão, por consenso ou por força, sem que os dominados reconheçam o aspecto coercitivo do poder, pois são mecanismos sutis de dominação e exclusão social utilizados por grupos sociais, instituições ou grupos.

Em outra colocação na mesma coluna, dizem que elas ameaçavam os jogadores, de uma certa forma, violenta. Ou seja, tanto a forma caracterizada como “vergonhosa” e também a “violenta” são comuns de alguns torcedores homens, mas sendo elas mulheres, era caso desses comentários (A Alvorada, 1919, n.28, p.6):

Pesquei no domingo passado por ocasião do jogo América e Universal, as torcedoras do América estarem torcendo de uma maneira vergonhosa, pois até insultavam as adversárias. Olhem minhas gentis mocinhas, isso assim torna-se ridículo e pode as senhoras estarem sofrendo das faculdades mentais, quem vós critica foi o Percy, que passou pelas senhoritas e observou o panorama (...)

Pesquei ainda outras dizendo que iam dizer para o Zéca, que matasse o Luiz e o Pery e quando o Pery caiu, que levou um pontapé do F., elas disseram: bem feito, que pena não morrer.

No já citado trabalho de Barbosa (2018) percebemos como a população negra era qualificada nos jornais da grande imprensa do Rio de Janeiro. Assim, podemos ter uma base dos modelos com que os negros e negras eram representados, no período, na Capital Federal, ou seja, como esses jornais estavam escrevendo e representando essas pessoas negras, incluindo mulheres, e assim reproduzindo sub-representações dessa população, que já se encontrava em uma situação de precarização por conta de uma abolição da escravatura recente. Com relação às torcedoras, a grande imprensa carioca não faz um esforço para representar as mulheres negras, nem de forma negativa (como nesses casos cotidianos), nem de maneira representativa, ou seja, elas são completamente invisibilizadas e ocultadas.

Análise sobre mulheres negras torcedoras no *A Liberdade e Getulino*

A pesquisa foi realizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional,⁷ onde se encontram as versões digitalizadas das fontes. Salientamos, mais uma vez, que as representações das mulheres negras e brancas na grande imprensa e na imprensa negra são desiguais. As torcedoras brancas estão presentes nas páginas de jornais cariocas e paulistas de grande circulação,⁸ mas com relação a mulheres negras, sua presença se mostra apenas em jornais da imprensa negra, no caso analisado, de São Paulo, aonde se encontram o maior número de jornais negros criados em todo país, nas quatro primeiras décadas do século XX (CARVALHO, 2009). O Rio de Janeiro, apesar de ser palco do primeiro jornal negro do Brasil, não possui muitos jornais conhecidos, de imprensa negra, no período delimitado para este trabalho.

As ocorrências referentes à palavra “torcedora” aparecem muito mais na grande imprensa do Rio de Janeiro do que na imprensa negra de São Paulo. Essa última, destinava um espaço pequeno, para questões relativas ao esporte, em suas páginas, se comparado à grande imprensa. Pois a principal preocupação da imprensa Negra era fazer denúncias sobre casos de racismo, promover seus espaços sociais. Enfim, outras questões relacionadas ao interesse da população negra de sua época. Sendo assim, proporcionalmente, o espaço destinado às manifestações de torcedoras ou torcedores na imprensa negra, é limitado.

⁷ Acesso através do endereço: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>.

⁸ Para o Rio de Janeiro o trabalho de conclusão de graduação já deu conta de forma mais detalhada, já para São Paulo temos o exemplo demonstrado no trabalho de Santos (2012) em que na revista *A Cigarra de São Paulo* é publicada uma capa ilustrativa em que as protagonistas são duas torcedoras brancas e bem vestidas que estão torcendo de forma apreensiva.

Nos jornais da imprensa negra paulista encontramos apenas uma ocorrência direta com as palavras “torcedoras” e “torcedora”. Assim, utilizamos como estratégia a busca pelos termos: “football”, “sport”, “futebol” e “esporte”. A partir deles, localizamos a presença de mulheres torcedoras negras. Os textos escolhidos são representações dessas mulheres no espaço da arquibancada, o que nos levará a diversas reflexões sobre o papel e lugar destinado a elas no período em questão.

A imprensa negra é composta de jornais criados e mantidos por pessoas negras, direcionados ao público negro e com temáticas de seus interesses. Essa ideia dialoga com o que Ana Flávia Magalhães Pinto (2006, p. 25) aponta ser uma expressão composta de “adjetivo posposto a um substantivo que sugere várias possibilidades de entendimento,⁹ entre as quais podemos conectar algumas questões referentes a autoria, público e objetivos, como – jornais feitos por negros?; para negros?; veiculando assuntos de interesse das populações negras?”. Segundo ela: “A par das questões que definem a chamada imprensa negra brasileira, no que concerne a seu conteúdo e sua linha de atuação, pode-se, então, dizer que essa corresponde aos jornais que se inserem na luta contra a discriminação racial no Brasil (PINTO, 2006, p.28). A jornalista e historiadora negra constata que no ano 1789 já circulavam, em Salvador, alguns boletins e manifestos, fixados em áreas centrais, no processo de organização da Revolta dos Alfaiates. Manifestação em que as pessoas negras estiveram presentes. Mas ela reconhece como o primeiro jornal da imprensa negra

⁹ Assim como imprensa feminina, imprensa operária, imprensa abolicionista, etc.

brasileira *O Homem de Cor no Rio de Janeiro* editado por Francisco de Paula Brito em 1833.

Há uma grande quantidade de títulos que compõem a imprensa negra, espalhados pelos mais diversos espaços do país. Inclusive, a cidade de São Paulo apresenta uma imprensa negra heterogênea. Nesse sentido, podemos referir que apesar de características semelhantes, não eram vinculados ou partilhavam da mesma perspectiva política de sociedade. Como fonte, estes jornais permitem acessar o cotidiano vivenciado por comunidades negras. Entre eles: abordagem cotidiana da comunidade negra, conteúdo reivindicatório sempre inserido na luta contra o racismo, discriminação e o preconceito racial no Brasil e, quase sempre, com um valor moralizante em suas notas e crônicas que tentava distanciar a população negra de estereótipos.

Esses jornais foram a oportunidade que muitos negros e negras tiveram (mais homens negros, pois os nomes de dirigentes, cronistas e escritores são em sua maioria masculinos), de fazer ouvir suas vozes e reivindicações¹⁰. Além do que, essas produções simbolizam a possibilidade e capacidade de reivindicação, mobilização social e educação da população negra. A imprensa negra foi um instrumento importante, utilizado pelos negros brasileiros para debater o racismo, assim como, seus interesses.

¹⁰ Se tratava de uma imprensa comandada por homens, mas há que se levar em consideração a existência de colunas femininas escritas por mulheres negras, que tinham espaço, diferente do que ocorria em alguns outros veículos de comunicação da grande imprensa.

Isabel Cristina Clavelin da Rosa (2014) aponta que Miriam Ferrara, a partir de sua dissertação de mestrado *A imprensa negra em São Paulo* chega a classificar 56 jornais negros, no estado de São Paulo. Reiterando o que Carvalho (2009) diz, que em São Paulo se encontram o maior número de jornais negros do país, nas quatro primeiras décadas do século XX, inclusive, muitos deles eram vinculados a associações beneficentes e irmandades negras e divididos em fases ou períodos. Inclusive, existem alguns debates sobre suas divisões, mas que não são foco do trabalho e não interferem na análise dos impressos.

Carvalho (2009) considera que a imprensa negra do século XX está ligada ao movimento negro que também começou a se organizar melhor no mesmo momento, tendo *O Menelick* como primeiro jornal negro do século XX de São Paulo, em 1916. As informações listadas sobre os impressos abaixo, foram retiradas da dissertação de Carvalho (2009), denominada *A imprensa negra paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*, em que o autor analisa alguns jornais da imprensa negra paulista, entre eles os pesquisados para esse trabalho.

Antes de adentrarmos na análise dos dois jornais da imprensa negra, citaremos a fonte que foi um ponto de partida e uma pista para que procurássemos sobre mulheres negras torcedoras, no caso, na imprensa negra de São Paulo. Essa evidência foi importante para a análise maior que iremos propor. Essa pista muda um pouco de espacialidade, mas ainda continua na mesma temporalidade. A cidade é Pelotas, no Rio Grande do Sul. Nos clubes negros do município, as mulheres negras eram protagonistas em seus papéis enquanto torcedoras de futebol e organizadoras

de alguns eventos para clubes futebolísticos que eram compostos em sua maioria por jogadores negros da cidade. Beatriz Loner (*apud* MACKEDANZ, 2016, p.110) afirma que:

Os clubes negros mais organizados tinham o hábito de manter duas diretorias, uma de homens e uma de mulheres, sem contar que a única entidade beneficente de mulheres que apareceu na pesquisa, aparentava ser formada por mulheres negras. Elas formavam grupos carnavalescos só de mulheres, vinculados ou não a clubes carnavalescos e/ou grupos de torcedoras de times de futebol.

Abraão (2010) em visita ao Museu do Futebol, em São Paulo, percebe que há uma ala, destinada às origens do futebol no Brasil, com diversas fotografias de momentos históricos. Em uma das fotos, há a seguinte legenda: “Esporte da elite nos seus primórdios, o futebol era para brancos. Por isso, a foto retrata uma cena exótica para a época: dois torcedores negros, de chapéu, paletó e gravata como os demais, assistindo ao Campeonato Sul-Americano de 1919, no campo do Fluminense, Rio”. Nessa foto, observamos que esses dois homens negros chamam a atenção, em meio aos torcedores brancos. Ao que parece o “exotismo” consiste no fato de não ser um ambiente tão assiduamente frequentado por pessoas negras e ainda mais que os negros da imagem se vestiam de forma muito elegante, com smoking e chapéu. Mas, lembramos, que no imediato pós-Abolição a população negra tem uma preocupação muito grande com sua imagem, então, era muito comum esse tipo de postura quanto a vestimenta, apesar de no momento, ser taxado como “exótico”

Aquino (2003, p. 37) reforça algumas das suas impressões acerca do futebol, do começo do século XX:

O futebol era somente para brancos. Em seus primeiros tempos no Brasil o futebol era uma prática esportiva extremamente elitista e racista, sendo praticado exclusivamente por brancos, fossem eles ingleses ou brasileiros. Uns e outros, no entanto, não admitiam a participação de negros, mestiços e brancos pobres [...] Nas arquibancadas, os torcedores homens apresentavam-se vestidos de ternos, coletes, chapéus e, às vezes, bengalas.

Como vimos, essa impressão é generalista, já que encontramos alguns indícios de presença negra nesses espaços. Mas, se para homens negros sua presença era considerada exótica, pensemos só como seria se as mulheres negras fossem as torcedoras em grandes jogos. Como elas seriam vistas? Como dito, não conseguimos perceber a presença de mulheres negras, através dessa fonte, somente em jornais negros e em jogos de clubes negros. Por isso, no subitem seguinte, apresentaremos dois jornais da imprensa negra de São Paulo: *A Liberdade* e *Getulino*. Esses impressos, e outros da imprensa negra, também possuíam seus próprios ideais e materialidades, inclusive, diferenciados da grande imprensa, pois “não eram mantidos por capitalistas, representantes da elite ou apoiados pela grande imprensa, as fontes de recursos provinham das vendas de jornais, assinaturas, bailes, anúncios e doações (CARVALHO, 2009, p. 118). Por não visarem o lucro é que muitos tiveram períodos de duração relativamente curtos.

1) *A Liberdade* (1919-1920)

Criado no ano de 1919, o jornal tinha o subtítulo de “Órgão dedicado a classe de cor, crítico, literário e noticioso”¹¹ sob direção de Gastão Rodrigues da Silva, secretariado por Frederico Baptista de Souza e gerenciado por Joaquim Domingues. O jornal registrava diversos assuntos, como a denúncia do racismo, temas referentes à situação econômica do país, anúncios e observamos que, em particular, havia uma cobrança grande sobre o bom comportamento da população negra, pois quem não se comportasse adequadamente, segundo os moldes do jornal, era repreendido, exposto e até excluído do meio social.

No seu início, o jornal custava 5\$000 réis por assinatura anual, 3\$000 por semestre, \$100 por exemplar vendido no dia e \$200 por exemplar atrasado, e também era publicado quinzenalmente. Esse era um pouco mais barato do que outros jornais da imprensa negra cobravam na época que era \$200. Para se ter uma ideia algumas revistas do Rio de Janeiro custavam cerca de \$500 a 1\$000, no entanto, estas publicações se destinavam a públicos diferentes e a imprensa negra, como dito, nem sempre buscava lucro (CARVALHO, 2009).

Algumas das principais colunas, e aonde vamos encontrar registros sobre as mulheres negras torcedoras no *A Liberdade*, são as seções denominadas “Vagando” assinada pelo “Matuto”, pseudônimo usado por Gastão Silva, assim como a coluna “Críticas” que registrava o comportamento dos frequentadores de bailes e pontos de encontro.

¹¹ Atualizamos a grafia na transcrição das fontes para o melhor entendimento do/a leitor/a, esse padrão será utilizado em todo texto deste artigo. Por exemplo, o subtítulo era: de “Orgam dedicado á classe de côr, crítico, litterario e noticioso.

É exatamente, nessa última coluna citada, que obtivemos um comentário sobre o comportamento relacionado as mulheres torcedoras. Antes de apresentar a crítica em si, precisamos dizer que essa coluna “Críticas”, sempre iniciada com o prefixo “COM” tecia diversos comentários, muitas vezes maldosos, em um tom moralizante característico da imprensa negra, porém as palavras que eram destinadas as mulheres negras eram de uma forma muito julgadora dos seus comportamentos. Por exemplo, na primeira edição do jornal, ele discorre sobre várias moças “Com a algazarra que certas damas fazem nos ensaios do Pendão e Paulistano”; “Com Eliza de Freitas, ter arranjado um namorado as escondidas, que aconteça nada”; “Com os passeios noturnos da senhorita Olga com seu namorado pela rua Pires da Motta. Mamãe não viu?...” (A Liberdade, 1919, n. 01, p.3) E os comentários terminavam por aí, ficava a carga do leitor imaginar e fazer seus maiores julgamentos sobre as moças.

Com relação a torcedoras, tal coluna diz que “Com as morenas que vem assistir os jogos de futebol no campo do Eden da Liberdade, na rua Cano” (A Liberdade, 1919, n. 10, p.3). No caso, não sabemos ao certo o que essas torcedoras poderiam ter feito para receber uma crítica pública, porém baseado nas outras análises, suponhamos que elas estivessem torcendo de uma forma que não se encaixava nos padrões que homens esperam de algumas mulheres e, ainda mais, sendo negras em um contexto e jornal moralizante.

Para finalizar, na coluna “Vagando”, o autor que assina como “Matuto” afirma que vai a uma região distante e o convidam para assistir a um jogo de futebol. No mesmo, ele acaba apostando em um time que perde, o que é alvo de suas

reclamações e divagações, na crônica. Porém, o mais característico desse texto é que na volta para casa, ele afirma que seu amigo vinha conversando com umas senhorinhas, ou seja, mulheres que estavam assistindo ao jogo com eles e que provavelmente eram torcedoras negras, mas que, infelizmente, não são descritas pelo autor (A Liberdade, 1920, n. 12, p.1).

2) *Getulino* (1923-1926)

Com o subtítulo conhecido como “Órgão para defesa dos interesses dos homens pretos”, *Getulino* nasce em Campinas no ano de 1923, pelas mãos de seus representantes Lino Guedes, Gervásio de Moraes e Benedito Florêncio, homens negros conhecidos por São Paulo que anteriormente haviam trabalhados em outros jornais da imprensa tradicional. Suas publicações são consideradas estáveis se comparadas aos seus pares da imprensa negra, tendo apresentado 64 edições ininterruptas, entre 1923 e 1924, tendo uma edição especial no ano de 1926, ano em que houve uma tentativa de reinauguração, mas por dificuldades financeiras não foi possível. Com relação ao preço cobrado pelos seus exemplares, era o mesmo que seus pares da imprensa negra cobravam na época, ou seja, \$200.

Em suas páginas, havia espaço para anúncios de produtos, críticas e sugestões do que os leitores gostariam de ver escrito, poesias de algum literato negro, contos e concursos de beleza (dirigidos a mulheres negras, o que era muito comum nos clubes negros e divulgados na imprensa, já que muitas dessas pessoas circulavam por diferentes espaços). Com relação a elas, o tom do jornal possuía um valor de educação que as profissionaliza-se, retirando a mulher negra da situação de

marginalização. Em algumas notas, diziam para as mulheres negras não saírem de seus lares em busca de emprego, pelo perigo que isso poderia acarretar. Lembrando que elas tinham um papel muito importante na educação dos seus filhos e por isso, muitas campanhas educacionais eram voltadas, na imprensa negra, para essas mulheres negras que também eram leitoras desses periódicos.

Suas colunas, principalmente, traziam ao público matérias importantes com relação a debates urgentes para a população negra de Campinas/SP, muitas vezes usando um tom moralizador. Haja vista que, o jornal variava entre colocar a culpa da exclusão no próprio negro e a também buscar explicações quanto aos preconceitos que sofriam. Por fim, a vida social e esportiva também estava presente em suas páginas. E é nelas que encontraremos a única referência sobre mulheres negras torcedoras, no jornal.

Na coluna chamada “Vida Sportiva”, assinada por Lux Junior, são tecidos elogios à Liga Municipal que fez reerguer o futebol, em Campinas. Além disso, é realizado um chamado e pedido para que a torcida se faça presente nos estádios, principalmente as mulheres (Getulino, 1923, n.13, p.6, *grifos nossos*):

Senhorinhas, vós que emprestais beleza a tudo, ide ao Hipódromo, apreciar as pugnas esportivas principalmente quando se ferir com o S.C José do Patrocínio, formado de elementos de cor. Ali a vossa presença é indispensável porque traz o encanto, a sedução e encoraja os nossos companheiros. Ides senhorinhas, sem distinção, porque ali a vossa entrada é franca bastando somente a vossa beleza para atrair aquele logradouro admiradores seus e dos times em disputa. Ide senhorinhas, daí valor aos seus irmãos de cor que eles vos agradecerão.

Notamos, no texto, que o autor ao convidar as senhoras para assistirem aos jogos se utiliza de alguns argumentos, para chamar a atenção, com relação a beleza e encanto das leitoras e possíveis torcedoras negras. Além disso, informa que a entrada para os jogos é gratuita, o que poderia ser um incentivo para essas mulheres negras que, em alguns momentos, poderiam estar impedidas de irem aos estádios por questões econômicas. Esse convite, tão enfático no direcionamento para as mulheres negras, demonstra que suas presenças são necessárias e importantes para o apoio aos jogadores, chamados de seus “irmãos de cor”. Não consideramos aqui que isso aconteça por conta de suas aparências físicas, como o texto afirma a todo momento, mas pelo incentivo que suas presenças acarretavam.

Em outro jornal da imprensa negra de São Paulo, que não faz parte dessa análise, a presença de torcedoras também é digna de nota e atenção (Clarim da Alvorada, 1932, p. 3, grifos nossos):

A parte esportiva decorreu na maior camaradagem entre os jogadores que dentro de todos os encontros portaram-se na altura do invulgar entusiasmo reinante na regular torcida que afluiu ao campo, onde o sexo feminino predominava, sabendo corresponder a nossa finalidade.

O texto e demais notícias relacionadas à Liga Municipal no Getulino não dão a entender que é uma Liga formada exclusivamente por clubes negros, então provavelmente os enfrentamentos dos jogos aconteciam entre brancos e negros. Dessa forma, aparenta-se que essas pessoas estavam disputando a vitória nos campos, mas também nas arquibancadas, pelo número de torcedoras e torcedores

que poderiam levar, por isso o autor clamar tão fortemente para que as mulheres negras também ocupem esses espaços.

Considerações finais

Consideramos a temática de primordial importância não só pela visibilidade dada a torcida feminina que sempre esteve no estádio, mas também para que possamos compreender as rupturas e vestígios que essas marcas negativas de algumas representações sobre as mulheres torcedoras deixaram em diferentes épocas.

Com relação as mulheres negras, quando suas vidas cotidianas foram representadas em alguns jornais da grande imprensa carioca, suas representações se mostraram negativas ou violentas (BARBOSA, 2016). Quando tentamos ver aonde estavam as mulheres negras nas arquibancadas de futebol carioca nos impressos, percebemos uma invisibilidade dessa torcedora, principalmente por meio das fotografias. Será que elas não compareciam aos jogos? Por qual motivo não foram representadas pela imprensa carioca? Aliando estes questionamentos com o pensamento interseccional, essa invisibilidade das mulheres negras torcedoras nos impressos cariocas nos instigou a buscar algumas estratégias aonde pudéssemos perceber suas presenças. Através da pesquisa na imprensa negra, encontramos as torcedoras negras no Estado que mais produziu jornais negros nos primeiros anos do século XX, São Paulo (CARVALHO, 2009).

Entendemos o pós-Abolição como problema histórico, haja vista as formulações de Hebe Mattos e Ana Lugão Rios (2005) que procura compreender

como pessoas negras, em suas estratégias individuais, coletivas, familiares, organizativas, comunitárias, etc. fizeram valer suas visões e projetos dentro do que compreendiam enquanto liberdade. Dessa forma, somente através da imprensa negra paulista - uma estratégia coletiva de resistência, combate ao racismo e identidade negra - anos após a abolição da escravatura, que conseguimos encontrar indícios das mulheres negras em seus momentos de lazer como torcedoras. Percebemos, inclusive, que elas eram importantes na vida associativa dos clubes de futebol, pois haviam pedidos enfáticos para que elas comparecessem aos jogos e apoiassem os times de seus “irmãos de cor”. Além de demonstrar a ocupação das arquibancadas como um local importante de sociabilidade também para comunidade negra.

Por fim, as mulheres brancas e negras, torciam, se emocionavam e faziam do espaço das arquibancadas seus lugares de sociabilidade e convívio no começo do século XX. Apesar das representações serem desiguais, o que nos fica nítido é a presença dessas mulheres nesse ambiente, muitas vezes, conhecido como apenas masculino. As mulheres brancas e negras, possuíam suas diferenças, o que foi apontado durante o trabalho e, apesar das representações das mulheres brancas na grande imprensa serem negativas ou com o objetivo de ridicularizá-las, pelo menos elas foram representadas em um número considerável de vezes para que pudéssemos tentar compreender suas representações anos depois. Já as mulheres negras torcedoras, não eram citadas na grande imprensa e pouco foram na imprensa negra, ou seja, percebemos uma invisibilidade, ocultamento e silenciamento delas, o

que dificulta um pouco o trabalho de perceber e interpretar suas representações, mas não torna um trabalho impossível.

No caso da pesquisa, as mulheres eram torcedoras, mas sabemos que elas tinham vários papéis, como de costureiras de uniformes e mesmo de organizar festas, jantas, piqueniques, etc. Talvez, por isso, sua presença nem sempre pode ser vista nas arquibancadas, mas estando nos “bastidores”, algo que merece maiores estudos. Esta pesquisa, como um todo, pretendeu abrir novos caminhos possíveis de pesquisas que podem ser realizadas no futuro. De maneira alguma objetivamos esgotar ou concluir o tema, mas sim propor uma discussão sobre essas representações na imprensa, em sua grande maioria masculinas, de mulheres negras nas arquibancadas.

Referências:

Fontes (Edições consultadas e disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira)

Com as moças do salão. *A Liberdade*, 14 de julho de 1919, n. 01, p.3.

Pesquei. *A Alvorada*, 20 de julho de 1919, n.28, p.6.

Críticas. *A Liberdade*, 28 de dezembro de 1919, n. 10, p.3.

Vagando. *A Liberdade*, 01 de fevereiro de 1920, n. 12, p.1.

Futebol. *Getulino*, 21 de outubro de 1923, n.13, p.6.

O Clarim da Alvorada, janeiro de 1932, p. 3.

Bibliografia

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. *O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo a brasileira” no futebol*. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2010.

AQUINO, R. S. *Futebol: uma paixão nacional*. Zahar:Rio de Janeiro, 2003.

ARAUJO, Mahinã; DOMINGUES, Josiane Vian. Mulheres no futebol: enunciações em jogo nas teses e dissertações do banco de teses CAPES. In: *Congresso Mundos de Mulheres & Seminário Fazendo Gênero 11, 13.*, 2017, Florianópolis. Anais...Florianópolis: MM & FG, 2017.

BARBOSA, J. P. *O pós-abolição no Rio de Janeiro: representações do negro na imprensa (1888-1910)*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) -Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

bell hooks. *E eu não sou uma mulher?* Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020;

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Geledés*, São Paulo, 06 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

CARVALHO, G. L. de. *A imprensa paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. 2009. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CLAVELIN DA ROSA, I. C. Imprensa Negra: descobertas para o jornalismo brasileiro. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v.11, n. 2, p.555-568, set. 2014.

COSTA, S. da S. Mulher, mãe, trabalhadora, cidadã: condição feminina nas três primeiras décadas do Século XX. *Revista Paraibana de História*, Santa Rita, v.01, n.1, p.20-39, 2º semestre 2014.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERREIRA, Vivian. Moda e condição feminina: O papel da mulher na modernidade carioca. In: *Simpósio Nacional de História, XXVIII., Anais...*, Florianópolis, 2015.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.19, n.2, p.143-151, abr. jun.2005.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. *Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade*. 2013. Tese (Doutorado em Educação Física), Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2018.

KESSLER, Claudia Samuel. *Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

MACKEDANZ, C. F. *Racismo “nas quatro linhas”: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930)*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

MATTOS, Hebe; LUGÃO RIOS, Ana M. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.

MELO, Victor. Sportsmen: os primeiros momentos da configuração de um público esportivo no Brasil. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de. (*et al*). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

OLIVEIRA, Ângela Pereira. Padrões comportamentais definidos para os negros de Pelotas através do periódico A Alvorada, 1932-1935. In: *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis: UFSC, 2015.

PACHECO, A. C. L.; NOGUEIRA, M.M. B. Mulher negra: interseccionando gênero, raça, classe, cultura e educação. *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v.25, n.45, p.89-99, jan.abr. 2016.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PINTO, A. F. M. De pele escura e tinta preta: a imprensa negra no século XX (1833-1899). 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017.

ROCHA, F. D. Vidas a meia luz: negros e pobres em São Paulo (1890-1920). In: *Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Anais...*, n. 8. Porto Alegre, 2017.

SANTOS, J. M. C. M. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado em História Econômica), Universidade de São Paulo, São Paulo: 2010.

SANTOS, J. M. C. M. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de. (et al). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

TEDESCHI, Losandro A. Verbetes Representação. In: COLLING, Ana Maria;
TEDESCHI, Losandro Antônio (Orgs.). *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados-MS:
Ed. UFGD, 2015.